

As doze badaladas

Humberto Aragão

A cidade mudara bastante. Era pequena, com ruas de terra que levantava muitas vezes uma poeira sufocante. Existia apenas um único prédio: o edifício Atalaia. O centro comercial ficava próximo ao palácio governamental e a duas pracinhas que se tornavam festivas aos domingos. As matinês dos cinemas eram concorridas. Dependendo do filme, as sessões da tarde ficavam repletas. Na sala de projeção, encontravam-se pais com filhos, adolescentes, casais e namorados que, no escurinho, ousavam sentir o calor cultivado pelo encontro de duas mãos. De quando em quando, um beijo furtado provocava suspiros e emoções.

O mar separava a cidade da barra dos coqueiros, que pertencia à península de Santa Luzia. Hoje, a barra dos coqueiros é ligada à cidade por uma ponte, e sua travessia, não mais com o uso de embarcações, teve a distância encurtada.

A Ponte do Imperador, originalmente um ancoradouro construído para recepcionar a visita de D. Pedro II, fazia divisar a imensidão do mar que, com o vaivém de suas ondas, alimentava os muitos sonhos.

No Natal, uma das praças da cidade parecia um parque de diversões. Toda iluminada, abrigava o carrossel do Tobias, a roda-gigante, a gangorra, o tiro ao alvo e tantos outros divertimentos que somente se apossavam do lugar nessa época de festividade e devoção.

As pessoas tornavam-se mais religiosas ou assumiam a aparência de uma religiosidade ilustrativa.

Havia música no alto-falante. A matriz preparava-se para a Missa do Galo. Eu andava a esmo, quando uma vizinha chamou-me a atenção. “Compre um bilhete do carrossel do Tobias”, dizia-me.

O Tobias era um boneco de chapéu de palha e terno de panamá, que rodopiava junto com os cavalos de madeira. Estes, perfilados, de várias cores, com a exuberância de suas crinas pintadas de novo, faziam a alegria das crianças. As maiores cavalgavam-nos sozinhas; as menores, contavam com a ajuda do pai ou da mãe que as seguravam.

E a vizinha falou-me outra vez: “Compre, moço, compre!”

– Onde estão os seus pais? perguntei. Quem está com você?

A vizinha, renitente, explicou que estava sozinha, não tinha pais, não tinha ninguém, não tinha nada.

– Você veio de onde? indaguei.

– Eu moro, tentando explicar-se, no orfanato. Comigo estão muitas crianças que também não têm pai ou mãe. Compre, moço, eu quero andar no cavalinho do carrossel.

Era frágil, pequenina, olhos quase azuis como a água do mar, cabelos nem loiros nem castanhos, esvoaçados pelo vento, rostinho alvo de uma brancura alheia aos raios do sol, vestido simples, de chita, de quem não possuía uma roupa nova para desfilar durante a festa natalina, mãozinha aveludada e um olhar de candura suplicante. Sobre os cabelos, um diadema de flores.

Pensei em conduzi-la a um posto policial para entregá-la aos responsáveis, fossem quem fossem, ao mesmo tempo, por um instante, imaginei adotá-la como minha filha e transformar esse ar entristecido em um sorriso de esperança.

– Moço, repetia, sempre insistente, quero dar uma volta no carrossel.

Falei para mim mesmo que poderia abrir o meu coração e tornar-me seu pai, proporcionando-lhe uma infância na qual a inocência pudesse florescer repleta de fantasia e de sonho. Se todos assumissem essa disposição, não haveria mais orfanatos e nem olhos marejados, vigília adentro, a devanear quimeras de muitos presentes, de muitos brinquedos e, acima de tudo, do carinho e do abraço apertado antes de uma noite de sono.

Resolvi comprar o bilhete. Pedi para que não saísse do lugar em que estávamos. Ela ganhara a sua volta no carrossel do Tobias. Comprei o bilhete e, ao regressar, não a vi mais. Aonde teria ido? Por que fugira? Comecei a procurá-la em meio ao burburinho da multidão.

Saí procurando-a por toda a praça. Percorri todos os lugares possíveis. Descrevi-a para muitas pessoas, perguntei a tantas outras. Nada. Ninguém a tinha visto. Voltei depressa ao carrossel. A criançada, alegre e sorridente, girava animadamente ao som da música natalina.

Lembrei-me da matriz. Quando divisei a sua escadaria, o relógio começou a bater as doze badaladas da meia-noite. A Missa do Galo ia começar. Entrei. Há muito não ultrapassava as suas portas. A nave da catedral estava repleta de fiéis. Julguei que seria impossível encontrá-la. Fui atropelando as pessoas que me olhavam sem o sentimento e a solidariedade desse momento de prece. Não a encontrei! Somente no afã de achá-la, lembrei que não sabia o seu nome.

Não poderia chamá-la. Tampouco dizer a todos o que estava sentindo dentro de mim. Cogitei a possibilidade de ter imaginado o nosso encontro, fomentado uma ilusão diante do vazio de mais um Natal a sós, embora cercado de tantas pessoas. As lágrimas ameaçaram saltar dos meus olhos. Contive-as.

O relógio continuava a tocar as badaladas, ritmadas pela melodia dos cânticos, quando vislumbrei uma estrela reluzente no presépio montado em um dos altares. Aproximei-me. Vi a estrebaria, os animais e o aconchego de capim da manjedoura que servia de berço ao recém-nascido. Ao seu lado, o modesto casal com auréolas exprimia-lhe uma postura embevecida. Distantes, três peregrinos prostravam-se numa atitude de veneração. Quando a última das doze badaladas começou a ressoar, visualizei nas campinas dos céus os seres alados. Estremeci. Em meio a tantos anjos, lá estava ela, flutuando – os mesmos cabelos, nem loiros, nem castanhos, rostinho de uma brancura alvinhenta alheia aos raios do sol, em vez do vestidinho de chita, um manto a resplandecer.

Permaneci imobilizado, em êxtase. Mergulhei num redemoinho, e tudo girava em torno de mim. Vi-me criança, montado em um daqueles cavalinhos do carrossel. O mundo inteiro rodava. Alguém me segurou nos braços. Sonho, ilusão, alucinação?

Novamente, fixei-me na apoteose e na transcendência indescritíveis de um painel que não poderia ser real. Tentei falar-lhe, quando a ressonância da última badalada da meia noite parou de soar. O som de um órgão esparramou-se pelo santuário. A música tornou-se encantatória, envolvendo-me com o fascínio dos seus acordes melódicos. Pretendi segurá-la nos braços, mas não a alcancei – o infinito é distante da terra.

Vendo a minha aflição, ela contemplou-me com aqueles olhos da cor do mar ou de um céu onde o anil sobrepuja o algodão das nuvens e, ternamente, sorriu.